

Henrique Magalhães: um militante dos quadrinhos brasileiros



Prof. Dra. Regina Maria Rodrigues Behar
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O artigo discute a trajetória do quadrinista, editor e pesquisador brasileiro Henrique Magalhães. O viés biográfico articula-se à história cultural e à metodologia da história oral, a partir de um olhar sobre sua militância em prol dos quadrinhos nacionais, particularmente como editor. Buscamos também apresentar personagens criados pelo autor, a partir do discurso de suas tiras de humor, pelas quais veicula sua crítica política e social e suas posições em defesa das minorias e suas demandas.

Palavras chave: Quadrinhos, História, humor crítico

Abstract: The article is about the journey of the Brazilian comic writer, editor and researcher Henrique Magalhães. The biographic approach is articulated to the cultural history and to the methodology of oral history, from a view about his militancy in favor of the national comics, particularly as editor. We also seek to introduce characters created by the author, inserted in his humor comics, in which he announce his political and social criticism and his position in defence of the minorities and its demands.

Key words: Comics, History, criticism humor.

Este artigo tem como objetivo trazer à discussão o trabalho do quadrinista e pesquisador brasileiro Henrique de Paiva Magalhães, paraibano que desde a década de 1970 atua no campo dos quadrinhos alternativos. Nele foram utilizadas a pesquisa documental e a entrevista, a partir da metodologia da história oral, buscando alguns elementos biográficos que ajudam a compreender seu percurso criativo.

A tendência da perspectiva biográfica, não tão recente, tem legitimidade no campo da história contemporânea, embora por vezes criticada como modismo vinculado à “crise da história estrutural, associada ao abandono do paradigma marxista” (MUSIEDELAK, 2006, p.106). Verena Alberti apresenta outra leitura,

na qual reitera o valor das dimensões biográficas, especialmente dos documentos orais, para a história do contemporâneo, principalmente a partir dos anos 1970-80. A História Cultural e a Nova História Política deram novo rumo ao tema nas pesquisas voltadas para os atores sociais, pois, “a ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo” (ALBERTI, 2000, p. 3).

Articulada à posição de Alberti, levamos em consideração a questão da inserção do individual no coletivo e a noção de campo intelectual, como locus de constituição de capital simbólico e político, pelos quais

buscamos compreender como essa trajetória particular acontece num tempo e lugar sociais. (BOURDEIU, 2000). Ao explorar aspectos individuais do produtor cultural, buscando a compreensão de sua obra, surgem tanto necessidade da entrevista, como de observar aspectos sociais e políticos conjunturais, como recomendam Vergueiro e Santos em relação às pesquisas em quadrinhos, que podem “demonstrar a vinculação desse produto cultural a um determinado cenário” (VERGUEIRO; SANTOS, 2010, p. 199-200).

Henrique de Paiva Magalhães, paraibano, 57 anos, atua profissionalmente em três frentes de trabalho na área da HQ: produz, edita e atua no ensino/pesquisa. Em trabalho monográfico, realizado como uma reportagem em quadrinhos, J. Audaci Jr o apresenta com humor irreverente:

Ele pode ter uma voz calma e compassada, mas na minha cabeça o que aparece é uma única afirmação: Henrique Magalhães é um louco! Abandonou o curso de Arquitetura para fazer Jornalismo. Fez Mestrado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Doutorado na Universidade Paris VII, ambos dirigidos a que? Fanzines de Histórias em Quadrinhos! (AUDACI JR, 2006, p.46)

Em entrevista, questionado sobre o fôlego necessário para atuar em tantas vertentes, Magalhães explica:

Olha, está tudo interligado porque quando eu comecei a fazer quadrinhos, eu comecei a pesquisar quadrinhos, e no momento que eu passei a fazer fanzines, passei a dar visibilidade a outros autores. Não era só o meu trabalho, eu abria espaço pra outros. Então as coisas são muito integradas. Fluem naturalmente. Eu não posso só fazer quadrinhos, diletantes ou militantes, sem

enxergar o mundo à minha volta. Enxergando o mundo, não só dos quadrinhos, eu passo a pesquisar, estudá-los. E aí não acho que eu teria que ser egoísta e me voltar só para minha obra, mas há tantas coisas fascinantes, que me inspiram também, me dão base pra minha própria criação. A essas coisas eu teria que dar difusão, por isso o meu lado editorial é complementar a esses outros dois. Eu produzo, pesquiso e não só as minhas coisas, porque essas coisas que eu edito, eu sou encantado por elas, sou apaixonado pelo trabalho desses autores. Então não é nunca um trabalho apenas, um sentido comercial. Entra também uma militância de mostrar que tem muita coisa boa que não tem visibilidade. (MAGALHÃES, 2014)

A paixão pela 9ª arte se desenvolveu ao longo da vida e, partir de meados da década de 1970, ele se iniciou na aventura da criação. A partir desse momento, participou de quase todas as iniciativas que ocorreram na Paraíba como autor ou como editor da produção local e nacional. No trecho da entrevista fala de “uma militância” pelos quadrinhos e tomamos isso de empréstimo para nomear sua tríplice inserção.

A formação do pesquisador na trilha da paixão pela arte

Como pesquisador o interesse de Magalhães pelos Fanzines de Histórias em Quadrinhos foi foco do Mestrado, orientado por Antonio Luiz Cagnin, na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, onde defendeu a dissertação “Os fanzines brasileiros de histórias em quadrinhos: o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros” (1990), bem como do doutorado, pela Université Paris 7, com a tese Fanzines de bande dessinée: renovation culturelle et presse alternative (1997). Sobre o tema publicou O que é Fanzine, pela Brasiliense (Col. Primeiros

Passos), A nova onda dos fanzines, A mutação radical dos fanzines e O rebuliço apaixonante dos fanzines, pela Marca de Fantasia, e diversos artigos acadêmicos. (MAGALHÃES, 1993, 2004, 2013). Outros temas de interesse são os quadrinhos paraibanos (MAGALHÃES, 1983; MAGALHÃES, (Org.), 2013; MAGALHÃES, 2012, p.23-36); o humor nos quadrinhos (MAGALHÃES, 2006) e a presença da temática homossexual na HQ. (MAGALHÃES, 2006)

O encanto pelas narrativas em quadrinhos surgiu na infância e passou pelas leituras comuns à época: De Walt Disney a Maurício de Sousa; entre os super-heróis, preferência pelo Homem-Aranha por suas dimensões humanas, ênfase no cotidiano e nas relações afetivas que humanizavam o super-herói. Na adolescência entrou em contato com leituras mais críticas, como Mafalda, de Quino, cujo humor reflexivo o impressionou. Outra referência foi a obra de Henfil, como base sua formação de leitor. O contato com possibilidades da reflexão e da crítica por meio da expressão artística dos quadrinhos incentivou sua produção autoral, como revela:

Por exemplo, Mafalda era genial porque era uma reflexão muito aguda da realidade. Até hoje ela é muito importante, muito atual. E Henfil foi fundamental para minha formação, porque eu acompanhei muito uma fase do jornal O Pasquim. E principalmente a revista do Fradim, de Henfil; a revista O Bicho, produzida pelo pessoal d'O Pasquim, que era de histórias em quadrinhos. Comecei a descobrir esses quadrinhos críticos, a revista Patota, a revista Eureka, a revista Grilo, que traziam a vanguarda dos quadrinhos na Europa e nos Estados Unidos, como Robert Crumb, como Valentina, de Guido Crepax, que eram a novidade no país; e isso me fez despertar para esse fator mais crítico dos quadrinhos. Fez parte da minha formação a

leitura desses quadrinhos mais politizados. (MAGALHÃES, 2014)

O contato com autores do universo underground nacional e internacional ajudam a entender o processo de criação, as influências em sua percepção crítica e o humor peculiar de seus personagens. O underground rompia com as regras estabelecidas e buscava marcas autorais e inovações formais. Do ponto de vista temático tratou da crítica social, política e cultural e de dimensões existenciais, autobiográficas que expunha as fraturas sociais na contemporaneidade e sua violência. Também pautou as minorias e a afirmação do espaço da mulher e das lutas feministas nos quadrinhos. (MNAZUR & DANNER, 2014)

A referência de base acadêmica mais importante, revela Magalhães, foi a obra de Moacyr Cirne, pela visão crítica do mercado e da indústria cultural, e sua vinculação a “uma certa militância nacionalista pelos quadrinhos” (MAGALHÃES, 2014). Outras influências vieram de Álvaro de Moya, Sonia Luyten e Antonio Luiz Cagnin, este último viria a ser seu orientador de Mestrado. Do mestre Cagnin, lembra Os quadrinhos (1975), a primeira obra acadêmica lida sobre o tema, na adolescência, ajudou a entender teoricamente o quadrinho, e foi importante em sua produção autoral. (MAGALHÃES, 2014).

A Editora Marca de Fantasia – iniciativa na edição de quadrinhos.

A Marca de Fantasia foi criada por Magalhães em 1995, assumindo o título do fanzine publicado entre 1985-1988. A experiência com edição de quadrinhos vinha de outras publicações da Paraíba: o suplemento da revista Presença Literária, Leve Metal (1983-84), e a Gran Circus (1983).

A posição como editor faz parte da postura “militante” pelos quadrinhos, adquirida desde seu envolvimento com a Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-SP):

Na época em que eu morei aqui eu participava da AQC, e havia

uma luta política para abertura de mercado, para criar uma lei que reservasse mercado para os quadrinistas. Isso sempre me incomodou muito, porque eu acho que ao invés de estar brigando com as editoras, a gente devia criar as editoras, coisa que o pessoal da Circo fez, Angeli, Toninho Mendes, Paulo Caruso e tal. Eles criaram uma editora! E foi um grande sucesso porque eles souberam fazer. (MAGALHÃES, 2014)

A Marca de Fantasia, se inspirou na experiência da Circo Editorial e no caminho do mercado alternativo. Editora independente, artesanal, vinculada à Universidade Federal da Paraíba na área de extensão universitária, sem fins lucrativos. Ela tem rendido frutos reconhecidos, como espaço aberto para publicação de obras em e sobre quadrinhos. Sobre ela, pondera Magalhães:

Uma forma que eu encontrei foi criar a editora Marca de Fantasia. Porque além de mostrar o meu trabalho, eu posso mostrar tantos que me chegam, que confiam em mim, que são generosos, autores generosos demais e que me dão sua obra para publicar. Então, isso até me emociona, como as pessoas acreditam nesse projeto coletivo que é a Marca de Fantasia. Por mais restrito que ele seja, porque é tão artesanal que não tem nada a ver com o mercado, nem pretende concorrer com mercado nenhum, mas tem uma importância histórica de marcar, de registrar as publicações, de refletir sobre as obras, e de divulgar sempre que é possível. (MAGALHÃES, 2014)

Nos seus vinte anos, A Marca de Fantasia encaminhou projetos que extrapolam

os limites da Paraíba, em diversos eixos, como a publicação de fanzines e de HQ's, a exemplo do fanzine Nhô-Quím, do próprio Magalhães, com oito números, entre 1990 e 1991; as revistas em quadrinhos: Tyli-Tyli, depois chamada Mandala, baseada na obra de Edgar Franco, Gazy Andraus e Flavio Calazans, vertente denominada "quadrinhos poéticos"; publica a Maria Magazine, com sua própria produção e de convidados; edita a série Corisco, que publica HQs como Calvo, de Edgard Guimarães e Luigi Rocco (2003); O cãozinho e o crocodilo, de Luciano Irrthum (2006); Kário: dívida de Sangue, de Jean Okada (2004); Elegia, de Edgar Franco (2005); Metrôpoles, de Leonardo Santana & Maurício Fig (2008), Katita: o preconceito é um dragão, de Anita Prado & Ronaldo Mendes (2010); Adeus (2014), coletânea sobre ateísmo com histórias de diversos autores. A editora mantém, em periodicidade regular, a Revista do Grupo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos (GPHQ), do Mestrado em Comunicação da UFPB, a Imaginário!, desde 2011, com 7 números até 2014, voltada para a divulgação de artigos e pesquisas em Histórias em Quadrinhos. Além dessas, a Artlectos e Pós-humanos – quadrinhos poéticos e filosóficos de Edgar Franco, série iniciada em 2006, com 9 números até 2015, e o fanzine Top! Top! publicado entre 2000 e 2010.

Além das revistas e fanzines indicados, a editora mantém linhas específicas para tiras, trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação em comunicação, ensaios e obras sobre histórias em quadrinhos. O rol de publicações por essas linhas é extenso e aqui deixamos de inventariar por questões de economia de espaço, mas podem ser consultadas no site da Marca de Fantasia, são as séries, Biografix, Repertório, Das tiras coração, Fora de Série e Quiosque – Ensaios sobre Quadrinhos e afins, esta última com livros de interesse acadêmico específico, como Histórias em quadrinhos: essa desconhecida arte popular, de Thierry Groensteen (2004); Fanzine, de Edgard Guimarães (2004); Entrequadros, de Wellington Srbek (2004);

História em Quadrinhos infantil, de Roberto Elísio dos Santos (2006); Humor em pilulas: a força criativa das tiras brasileiras, Henrique Magalhães (2006); Falas & Balões: a transformação dos textos nas Histórias em Quadrinhos, de Marcos Nicolau (2008); Watchmen e a teoria do caos, de Gian Danton (2014); Tiras Livres. Um novo gênero dos quadrinhos, de Paulo Ramos (2014), entre outros.

A editora se define como iniciativa independente “dedicada às Histórias em Quadrinhos, Artes, Comunicação, Linguística e à Cultura Pop (expressões da Indústria Cultural, como séries televisivas, ficção científica, rádio, música popular etc.)”. Entidade jurídica sem fins lucrativos, a diretoria é formada por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games, vinculado ao Mestrado em Comunicação da UFPB e a presidência é de Henrique Magalhães. Desse modo, integra-se numa proposta coletiva, vinculada a objetivos de longo prazo, com compromisso na produção do conhecimento acadêmico e divulgação das HQs na vertente independente, na qual combinam-se duas estratégias, a publicação impressa, totalmente artesanal, e a publicação eletrônica em e-books.

Outra iniciativa de Magalhães foi a criação do Memorial da HQ-PB (2013). Apesar da necessidade de atualizações, nele encontram-se algumas referências históricas da produção de quadrinhos, personagens e quadrinistas paraibanos, movimentos coletivos e eventos realizados na Paraíba, buscando a divulgação da 9ª arte no espaço virtual, o site interessa a artistas e pesquisadores da área.

O caminho editorial de Magalhães segue na contramão do eixo industrial e vincula-se à persistência em prol do desenvolvimento dos quadrinhos e do conhecimento sobre a arte, a divulgação dos alternativos e a revelação de novos talentos.

Os quadrinhos de Henrique Magalhães – Um percurso da criação

Henrique Magalhães criou Maria em 1975. Pouco antes, em 1973, Emir Ribeiro criou Welta, famosa personagem brasileira do universo dos super-heróis, posteriormente, rebatizada Velta. As duas são as mais antigas



Figura 1 – Binidito, ao lado de Maria. Detalhe da capa Maria nº 10, Binidito nº 2, de julho de 1982.

da produção paraibana em publicação até os dias atuais.

Além de Maria, ele criou outros personagens, como Binidito, por exemplo, para o suplemento O Pirralho, do jornal paraibano A União.

Binidito é caracterizado como garoto pobre da periferia, mulato magrinho de pés descalços. Na história Binidito nº 2, publicada na revista Maria nº 10, julho de 1982, Binidito vende pirulitos, compra materiais e fabrica uma pipa. No meio da brincadeira de empinar a pipa, se confronta com o garoto branco, de classe abastada que estabelece disputa com ele. Ao longo da história, os termos de comparação entre os dois meninos, em luta por espaço no céu, revela o abismo social entre eles:



Figura 2 – Binidito nº 2, julho de 1982, p. 12

Os personagens da série *Rendez-vous* surgiram em tiras de 1988/89, momento político diverso daquele em que Maria foi criada. Pós-ditadura militar, o campo intelectual dos quadrinistas se abre a outras temáticas sociais e culturais; emerge a questão das sociabilidades, das “tribos”,

urbanas e dos novos movimentos sociais, pelos quais as questões específicas de minorias e novas identidades culturais entram em cena. Magalhães criou personagens que seguem a tradição do engajamento, agora em relação às diversas minorias, ampliando o escopo iniciado com Maria.

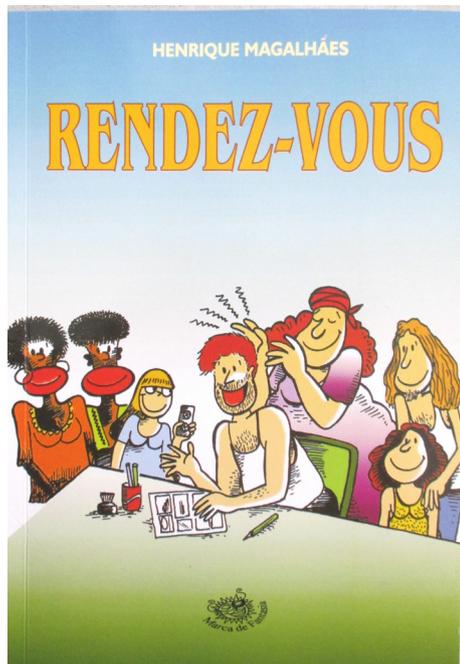


Figura 3 – Capa de *Rendez-Vous*

Na série *Rendez-vous* as personagens representam as minorias, como indicado por Edgard Guimarães (GUIMARÃES, 2005, p. 6). Malva, revela a dureza do cotidiano da jovem repórter; Magal, personagem auto referente, representa o próprio Magalhães (que assina série como Magal) e discute impasses e alegrias da criação, em exercícios metalinguísticos; Kalula, personagem negro, afirma-se no visual marcadamente afro e expõe as situações de preconceito; Nós Mulheres, denuncia a condição feminina em personagens reduzidas ao papel de donas-de-casa, sua exploração como mão-de-obra doméstica e o machismo dos maridos; Bicho Grilo, mostra a decadência do hippie dos anos 1970, ironiza o fim da vanguarda “paz e amor” e seu caráter anticapitalista; e Mãe Dinga critica o esoterismo e os falsos videntes com muito bom humor.



Figura 4 – Tira de Kalula. *Rendez-vous*, 2005, p. 30



Figura 5 – Tira de Bicho Grilo. *Rendez-vous*, 2005, p. 38



Figura 6 – Tira de Nós Mulheres. *Rendez-vous*, p. 34.

Os novos personagens surgem num contexto de renovação e dialogam com a produção nacional, em especial com o pessoal da Circo Editorial, principalmente, se observamos o humor veiculado pelos tipos criados por Angeli, como Bob Cuspe, Wood e Stock, Nanico e Meiaoitto, Bibelô entre outros.

O outro núcleo de sua criação é constituído por Macambira, Rico, Anegadu, Lelê e Maçola, publicados em tiras de jornais (O Norte e A União) de 1995/1996, e depois, na Coletânea Macambira e sua gente, em 2008.



Figuras 7 e 8 – Capa Macambira e sua gente e a personagem, em detalhe, p.5

Os personagens constituem um grupo de amigos. Macambira, professora, funcionária pública, estereótipo da mulher nordestina brava; os amigos, Lelê, Maçola e Rico, são

homossexuais e Anegadu, além de homossexual é negro, representando uma dupla minoria. Nessas tiras, as situações do cotidiano são problematizadas pela referência a aspectos da identidade homossexual. A religiosidade afro-brasileira é discutida num momento de forte preconceito local. Tiras que abordam a poética da linguagem são protagonizadas pelo personagem autorreferente, Rico (Henrique) do mesmo modo que Magal, na série Rendez-vous. A busca de leveza, usando elementos do preconceito na afirmação positiva das identidades homossexuais, dá o tom do humor, e confronta paradigmas fortemente marcados pela identificação com o masculino, tradição inventariada pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque, em obras sobre aspectos culturais da história do Nordeste (ALBUQUERQUE JR, 2001, 2003). As tirinhas abaixo caracterizam o humor social, pelo qual, brincar com a condição homossexual é buscar no riso a quebra das expectativas e afirmar as identidades alternativas.



Figura 9– Macambira e sua gente, p. 15



Figura 10– Macambira e sua gente, p. 36



Figura 11 – Macambira e sua gente, p. 19



Figura 12 – Macambira e sua gente, p. 37

Na última tira, a perspectiva autobiográfica se explicita na imagem de Rico, usando a camiseta com a imagem de Maria, numa referência metalinguística reveladora da identificação do quadrinista autor com o personagem quadrinista.

Maria, personagem em mutação: da criação à maturidade.

Maria é a mais longa personagem de Magalhães, criada em 1975, “como apenas uma experimentação, uma necessidade minha de produção de quadrinhos, já que eu era um leitor assíduo, adorava aquele universo e sentia a necessidade de fazer minha própria personagem.” (MAGALHÃES, 2013). Ele credita à abertura de espaço nos jornais da Paraíba, O Norte e A União, e aos editores, Deodato Borges e Antonio Barreto Neto, a visibilidade de seu trabalho e de outros paraibanos de sua geração. Além das tiras nos jornais diários, Maria também foi publicada em revista própria com título homônimo.

O ingresso na Universidade Federal da Paraíba onde concluiu o curso de Comunicação Social e se formou jornalista, abriu seu contato com as questões do mundo político, os embates com a ditadura militar e o movimento estudantil. A personagem, de um momento inicial em que a ênfase era sua solidão e a busca de marido se transformou a partir da vivência do autor como militante estudantil de esquerda:

Quando ela surgiu, naquele momento de exceção política que era a ditadura, ela fazia parte de uma cultura de resistência, que era o universo do humor que circulava n’O Pasquim. Maria

se inspira muito nos Fradins, nos personagens de Henfil, mas também em Mafalda, de Quino, uma menina questionadora e revoltada com o mundo, mas que tinha muito bom humor. (MAGALHÃES, 2013).

O trabalho de Henfil influenciou toda uma geração de quadrinistas e se destacava por sua aguerrida oposição ao regime militar em crítica veiculada por diversos personagens, como a Graúna, o Bode Orellana e Zeferino, trio nordestino, eles “eram reconhecidos pelos leitores como os mais representativos da insatisfação do povo brasileiro com a realidade política e cultural do país.” Os Fradins, citados por Magalhães, são caracterizados por Waldomiro Vergueiro como “um par de monges amalucados” que, a partir de “situações maliciosas e sádicas”, sua expressão imediata, “sempre apresentavam, no fundo, uma mensagem de solidariedade para com as minorias e desprivilegiados.” (VERGUEIRO, 2011, p. 50).

A marca que Henrique deu à Maria desse segundo momento foi o humor político, vertente presente nas artes gráficas, com tradição na caricatura e na charge, desde o período império brasileiro no século XIX, e daí por todo o período republicano. (SALIBA, 2002; FLORES, 2002; SANTOS, 2004; SILVA, 2013; LOREDANO (ORG), 2014)

Ferreira Gullar, em prefácio à obra de Fortuna, afirma que o humor gráfico era arma eficiente contra a ditadura militar porque os humoristas “em suas charges, diziam, de maneira engraçada, o que os

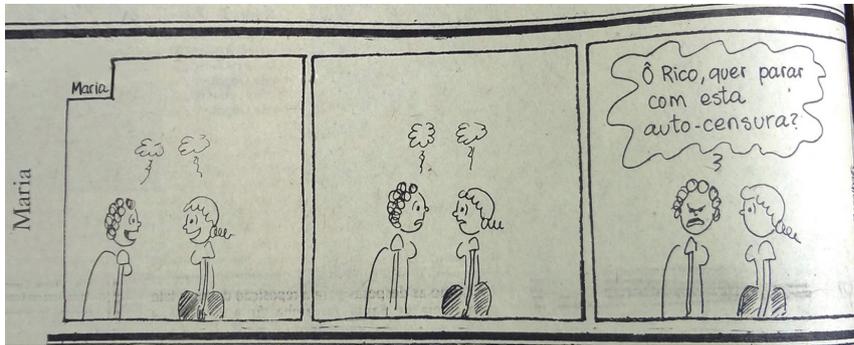


Figura 13 – Maria. Fonte: Jornal O Norte, 12/10/1977, Segundo Caderno.

articulistas teriam de dizer a sério” e a censura caía sobre estes, mais visados que os humoristas, “talvez porque os militares temessem, levando-os demasiado a sério, cair no ridículo.” (GULLAR, 2014, 11-12)

O humor de Maria segue nessa esteira, em bases irônicas (às vezes sarcásticas). A figura de linguagem mais presente é a metáfora, estrategicamente usada pelos artistas gráficos (mas não apenas por eles) durante a ditadura brasileira pós 64. Dois anos após sua criação, ela já atuava no front da crítica nos jornais diários.

Na tira, as personagens Maria, à esquerda, e Pombinha (a amiga), à direita, tentam se comunicar como mostram os balões de diálogo; no segundo quadro tomam consciência de que estes estão vazios. No terceiro, Maria se volta para o quadrinista (e para o leitor) e, raivosa, confronta o criador. A metalinguagem criticava a sombra da censura, que para além da institucionalizada, também assumia forma internalizada. A autocensura era uma dimensão “exacerbada na cultura do medo dos sistemas ditatoriais ou nas heranças autoritárias”. (MEDINA, 2002, p. 421). Na tira a metáfora assume a forma gráfica: o balão vazio explicita o silêncio imposto às personagens.

O núcleo de Maria inclui duas personagens: Pombinha, a amiga mais jovem, ingênua, a quem ela esclarece e influencia, e Zefinha, antagonista dos pontos de vista social e político, com quem trava embates; esta última, uma personagem-chave, provocativa, representa posições conservadoras, defende o status quo ou encarna o medo e a acomodação da classe média brasileira. As duas dão dinâmica às tiras e o humor crítico de Maria é iluminado pelo

contraste. Mas as posições sofrem variações e, por vezes, vêm de Pombinha inesperadas conclusões reflexivas e argutas, e de Zefinha, críticas que explicitam contradições à esquerda ou conversões inesperadas aos ideais de Maria, invertendo expectativas do leitor. Abaixo, uma imagem colorida das personagens com suas características gráficas definitivas, na capa do livro comemorativo aos 30 anos da personagem, Maria, ao centro e em primeiro plano; Zefinha, do lado esquerdo e Pombinha, à direita.



Figura 14 – Capa de Maria. Espirituosa há 30 anos

Maria tem personalidade bem definida: inteligente, irônica, e por vezes sarcástica, observadora crítica do mundo em redor; nesse sentido, seu humor é um pouco “cíclico”, às vezes esperançosa, às vezes cética, o riso em seu rosto é raro, embora ela o provoque no leitor pela ironia, pela sacadas inteligentes de suas denúncias da repressão; ironia que também usa para abordar o árduo cotidiano dos oprimidos, revelando uma posição comprometida com “os de baixo”.

Em 1984, fim do regime militar, a personagem inicia nova fase e seus temas incluem questões da sexualidade e a defesa da liberdade de escolha afetiva. No álbum intitulado *A maior das subversões*, a personagem realiza essa “virada” e para o seu criador é um momento chave da trajetória:

E foi interessante, porque quando eu fiz a revista, eu trabalhava o amor, não era nem a questão da sexualidade, mas era da afetividade pelo mesmo gênero. O sexo poderia vir como uma consequência, mas o enfoque não era a homossexualidade em termos de relação sexual, mas a

homossexualidade em termos de relacionamento afetivo. (MAGALHÃES, 2013)

Maria antecipou a temática que recentemente se tornou central no debate. Naquele momento, havia maior ênfase na liberação sexual. Em João Pessoa, no início dos anos 1980, surgiram grupos como o Beira de Esquina e o Nós Também; este último “teve atuação articulada com a produção cultural do período e militava na perspectiva da arte-educação, uma perspectiva política de militância definida e que procurava se diferenciar de outros e formas de militância.” (SILVA, 2012, p. 66). Isso ocorre quase simultâneo à organização de grupos feministas. Em 1979, foi criado o Centro da Mulher de João Pessoa, depois denominado Maria Mulher, com forte atuação militante (SILVA, 2012, p. 64).

Em Maria, o tratamento sutil da sexualidade, pouco explicitada, joga luz mais forte nas contradições e no conservadorismo da sociedade em torno da questão, problematizando também os grupos de esquerda, como na tira abaixo:



Figura 15 – Tira de Maria. Fonte: *A maior das subversões*, 1984, p. 19.

A personagem reflete sobre a perda de espaço público e de respeitabilidade: “E minhas tirinhas! Quem vai me ouvir daqui por diante?” A metalinguagem mistura vozes de criador e criatura e questiona seu lugar num mundo que discrimina a opção homossexual. Maria, diante da possibilidade da desqualificação, conclui que não será mais “nada”. No quarto quadro, Maria é ladeada por dois personagens, um representa a tradição de esquerda, obra de Marx sob o braço, camiseta, barbicha, boné com estrela de Guevara. Os ícones identificadores articulam-se ao clichê stalinista na fala: “decadência pequeno-burguesa!”. À direita, o personagem estereotipa o conservador, terno, cabelos bem cortados e ar de fúria, identificado no traçado de olhos e boca, grita máximas acusatórias: “anarquista, ateia, comunista!” No último quadro, Maria, sozinha; um traçado usado na linguagem dos quadrinhos, associado à lâmpada, indica uma ideia original, uma luz, e conclui: “Até que não é pouca coisa pruma pessoa só!”. Essa tira exemplifica o uso da ironia e o humor para revelar a rigidez dos esquemas tradicionais de interpretação. Tanto à direita como à esquerda, os enquadramentos e condenação aos comportamentos desviantes excluem as diferenças e o direito à individualidade. Maria assume sua centralidade, posição que ocupa no espaço da tira e provoca reação dos dois polos. Na nova fase, a personagem afirma sua atitude provocativa e vocação libertária.

Henrique Magalhães continuou a produzir as tiras de Maria, e ampliar seus temas de interesse. Ao longo do tempo, a criação passou por interrupções. Em 2000, lançou a revista Maria Magazine, agora no sexto número (2015) que segue uma proposta de trabalho coletivo e veicula a produção de quadrinistas como Edgard Guimarães, Tônio, Samuel Gois, Thais Gualberto, Antonio Amâncio, Marco Oliveira, entre outros.

A obra de Magalhães se associa, conforme buscamos revelar, a uma posição ativa, que chamamos de militante (mas poderíamos, num tom mais poético, chamar de apaixonada) pela qual abraça a causa dos quadrinhos. Em sua tripla inserção, busca afirmar a viabilidade da produção de quadrinhos no Brasil,

principalmente na vertente independente, e no mercado alternativo. O trabalho desenvolvido por ele e outros quadrinistas paraibanos, como Emir Ribeiro, Shiko, Mike Deodato, Igor Tadeu e Thais Gualberto, entre outros, são expressão das possibilidades da 9ª Arte nas diversas regiões do país.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2000 [5]f. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1525.pdf. Acesso em 19 maio 2015.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino. Nordeste 1920-1940*. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- AUDACI, JR. *Riscos no tempo: 40 anos de história em quadrinhos na Paraíba*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FLORES, Elio Chaves. *República às avessas: narradores do cômico, cultura política e coisa pública no Brasil contemporâneo (1993-1930)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2002. [Tese de Doutorado]
- GUIMARÃES, Edgard. *Humor em defesa das minorias*. In: MAGALHÃES, Henrique. *Rendez-vous*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.
- GULLAR, Ferreira. Prefácio. In: LOREDANO, Cassio (Org.). *Fortuna: o cartunista dos cartunistas*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 2014.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.
- LOREDANO, Cassio (Org.). *Fortuna: o cartunista dos cartunistas*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 2014.
- MAGALHÃES, Henrique. *Uma história dos quadrinhos paraibanos. 9ª Arte*. São Paulo, Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP, v. 1, n. 1, p. 23-36, 2012. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/2/5>. Acesso em: 21 maio 2015.

- _____. A homossexualidade nos quadrinhos brasileiros. In: BRAGA JR, Amaro Xavier (Org). *Questões de sexualidade nas histórias em quadrinhos*. Maceió: Edufal, 2014.
- _____. Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- _____. A incrível história dos quadrinhos: Vinte anos de quadrinhos da Paraíba. João Pessoa: Sancho Pança; Acácia; Marca de Fantasia, 1983.
- _____. *Macambira e sua gente*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2008.
- _____. *Maria: a maior das subversões*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1984.
- _____. *A nova onda dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.
- _____. *O que é fanzine* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.
- _____. *Rendez-vous*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.
- _____. (Org.). *A terceira onda*. 3.ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.
- MANZUR, Dan; DANNER, Alexander. *Quadrinhos: história moderna de uma arte global*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MARCA de Fantasia [site] Disponível em: <http://www.marcadefantasia.com>. Acesso em: 21 maio 2015.
- MEDINA, Cremilda. As múltiplas faces da censura. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci (Org.). *Minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado; FAPESP, 2002. p. 421-434.
- MEMORIAL da História em Quadrinhos na Paraíba [site] Disponível em: <http://www.memorialhqpb.org>
- MUSIEDLAK, Didier. Biografia e História. Reflexões Metodológicas. Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, v. 13, n. 15, p. 103-109, 2006.
- O NORTE, João Pessoa, outubro de 1977. Segundo Caderno.
- SALIBA, Elias Thomé. Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org). *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.
- SILVA, Laercio Teodoro da. *Parayba feminina, masculina, neutra: cinema (in)direto, super 8, gênero e sexualidade (Paraíba 1979-1986)*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2012. [Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História Social]
- SILVA, Keliene Cristina. *Angeli e a República dos Bananas: representações cômicas da República brasileira*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos; SANTOS, Roberto Elísio. Para uma metodologia da pesquisa em histórias em quadrinhos. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo; MARTINO, Luiz Claudio (Orgs.). *Pesquisa empírica em Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 183-203.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Desenvolvimento e tendências do mercado de quadrinhos no Brasil. (p.13-56) In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio. *A história em quadrinhos no Brasil: análise, evolução e mercado*. São Paulo: Laços, 2011.
- ENTREVISTAS:
- MAGALHAES, Henrique. Entrevista à pesquisadora Regina Behar. São Paulo, setembro de 2014. Áudio, 50 minutos.
- _____. Entrevista aos pesquisadores Regina Behar e Matheus Andrade. João Pessoa, outubro de 2013, 60 minutos.